

NA COLISÃO DE CORPOS, SE REVERBERAM OS AFETOS

Marina Biazotto Frascareli¹ e Helio Hirao²

Dos deslocamentos de uma jovem pesquisadora no território são-carlense em um domingo ensolarado avista-se um senhor praticante da travessia de uma calçada para outra. A sacola com estampa do supermercado revela o motivo do deslocamento matutino. A cor cinza do seu chapéu revive o *nonno*. Ao permitir a prática do ouvir abre-se passagem à identificação e, por fim, se alcança o lugar do afeto. O lugar que dá língua para afetos, mergulhada na intensidade do tempo, se atenta à linguagem dos acontecimentos, devorando elementos para a composição das cartografias subjetivas que se fazem necessárias. A cartografia carrega uma cognição provisória: para os geógrafos é a representação de um todo estático, a representação do mundo que parte de um ponto de vista de quem propôs. Numa lógica para a composição de processos subjetivos, Rolnik (2016), afetada por princípios deleuze-guattarianos, apresenta as marcas dos afetos produzidos pela experimentação. Cartografia, nessa explanação, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que se tem o 'desmanchamento' de certos mundos e a formação de outros que se criam para expressar afetos (ROLNIK, 2016). Interessa-nos emprestar estes princípios postos pela cartografia sentimental de Rolnik (2016) para entrelaçar narrativas e tecer a multiplicidades que somos, enquanto corpos abertos que se dispersam pela cidade, ocupando fissuras poéticas em seu tecido³ (Fig.1).

Mas, afinal, o que pode um corpo? De que afetos ele é capaz de irromper? Não cabe a nós definir tais corpos em deslocamento, nem pelo seu gênero e sua espécie, muito menos por sua função, mas compreender aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes. Corpo-geografia, que experimenta e pode cada vez. Um corpo que escolhe por meio de acontecimentos que efetivam afetos (Fig.2).

Buscamos na teoria um adensamento dos conceitos para embasar a prática de se lançar ao mundo. Uma maneira inventiva e processual que subtrai o personagem central hegemônico, restando o processo que nos transporta para o campo do múltiplo. Acontecimento que expropria, apropria, devora e transvalora. Na física há a perspectiva de que na elasticidade da colisão conserva-se a energia dos corpos que se chocaram. Em uma superfície que enruga, fende, descasca. Inúmeras camadas sobrepostas de acúmulo. Tudo é textura (BRISSAC, 2019). Para os processos subjetivos esses eventos se prolongam nos corpos humanos. Isso é reiterado em uma cartografia que

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru, São Paulo (2022), na área de Teoria, História e Projeto, integrando o Grupo de Pesquisa Projeto, Arquitetura e Cidade da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), vinculado ao Prof. Dr. Helio Hirao. Possui trabalho em desenvolvimento nas temáticas vestígios urbanos, ruínas arquitetônicas e terrenos vagos. Graduada pela Universidade do Sagrado Coração em Arquitetura e Urbanismo (2017).

2 Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1981), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAU USP (1990) e Doutor em Geografia Urbana pela Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT-UNESP (2008). Professor Assistente Doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT-UNESP. Credenciado como professor orientador e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC-UNESP). Coordena o Grupo de Pesquisa "Projeto, Arquitetura e Cidade" (CNPq).

3 Para revelar a experimentação do afeto na/com a cidade, usamos o caminhar como dispositivo de afetação em que, por ele, se observa a 'colisão' de encontros e refações de si pelos afetos subjetivos.

apreende os atravessamentos das experiências e sedimenta a troca de pele, assim, elevando a corporeidade para um lugar de expansão da concepção singular de mundo.

Temos feito da caminhada uma potência nômade, se efetivado na *desterritorialização* do espaço e o tornando apto para ser *reterritorializado*⁴. Para Deleuze e Guattari (1995) somos efeito de afetos e de encontros e nossos processos subjetivos se fazem na medida em que *territorializamos* e *desterritorializamos* espaços subjetivos em busca de novas *reterritorialidades*. Essas constantes mudanças nos fazem nômades da experiência. Durante a alternância dos pés no gesto dos passos se redescobre o território, um devir na cidade em trânsito. Desfrutar da liberdade de ir e de-vir. Mas, o que deseja o *devir*? *Devir* quer sempre partir sem necessariamente saber aonde chegar. Sentimos-o em todas as nossas células do corpo. Abre passagem para criar novos territórios, novas subjetividades. Um devir acontece por expansão, contágio (DELEUZE; GUATTARI, 1995) (Fig.3)

Portanto, que sigamos resistindo e existindo, *desterritorializando*, desmanchando o território existencial. Desejando, continuar o desejo. O desejo não tem por que, não tem razão nenhuma. É um condicional absoluto, é um uno indivisível, é meu próprio corpo de vontade subjetiva que retorna à casa e continua fluindo através da energia dos corpos encontrados. Na inelasticidade da colisão a energia dos nossos corpos é alterada por outras formas de energia (física). Incorpora-se outras forças dentro das nossas forças. Dos outros corpos aos nossos corpos. Colide e reverbera. Afeto. Afeta. Mesmo com o corpo em pausa, as veias pulsam, o coração dá ritmo, os olhos piscam e os órgãos imprimem melodias. Sigamos assim, dando espaço ao animalesco, ao selvagem, ao visceral. Sem início ou fim, declaramos infinita a reverberação de forças corpóreas (Fig.4).

Referências

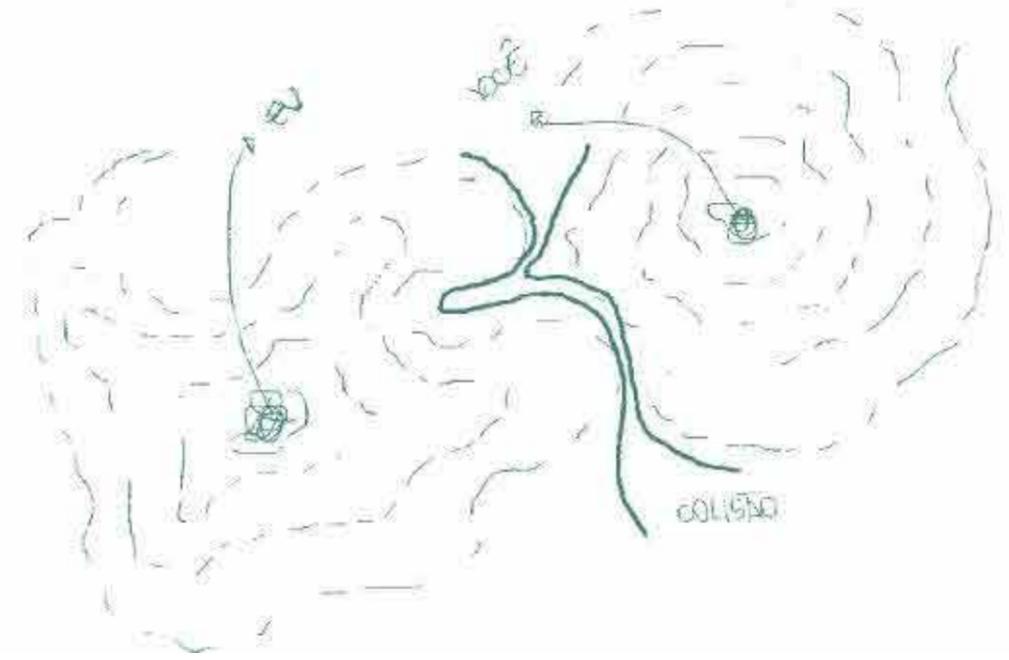
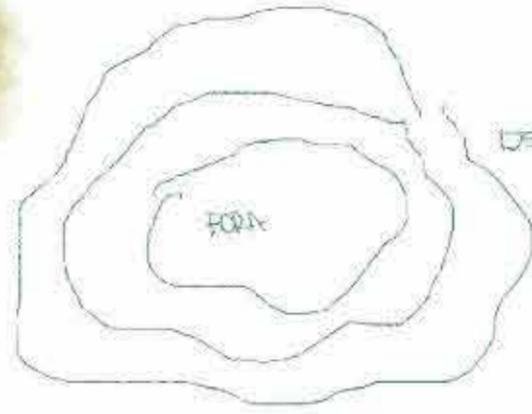
BRISSAC, Peixoto Nelson. *Paisagens urbanas*. Editora Senac São Paulo, 2019.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro, v. 34, 1995.

ROLNIK, Suelly. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

4 Simplificadamente a desterritorialização é um movimento através do qual se afasta do território, "é a operação de linha de fuga" onde os agenciamentos se desterritorializam. Já na reterritorialização é uma ação de construção do território o qual se reterritorializa como novo agenciamento maquínico de corpos. Ver: GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro, v. 34, 1995.

Figura 1 - Representação da colisão como potência do afeto, mobilizada pelo ato de caminhar pela cidade, uma forma cognitiva e criativa de fazer-ver a cidade. Fonte: Elaborada pela autora. 2023. Figura 2 - Cartografia de diálogo do encontro com o Outro. Fonte: Elaborada pela autora. 2023.



Fluxor. Fluxor por toda parte, sempre atravessados por fluxos. Conjugamos fluxor. Qual corpo sempre se vê um ponto de partida e chegada, ou passagem, ou fluxor. Fluxor de palavras, fluxor de mulheres. Fluxor de nós, fluxor de signos... vários fluxos ^{conjugam} a sociedade. O mesmo para pensar, são Fluxos. Os fluxos criam saltos de um lado para outro, desterritorializam e reterritorializam o qual produz um território-afeto. vetores de forças onde nos reconhecemos, desconhecemos, tentamos escapar, achar outra linha de fluxo que nos carregue para fora. Tomamos o ^{caixa} sentido de fluxos - tudo aquilo que foge de qualquer controle.

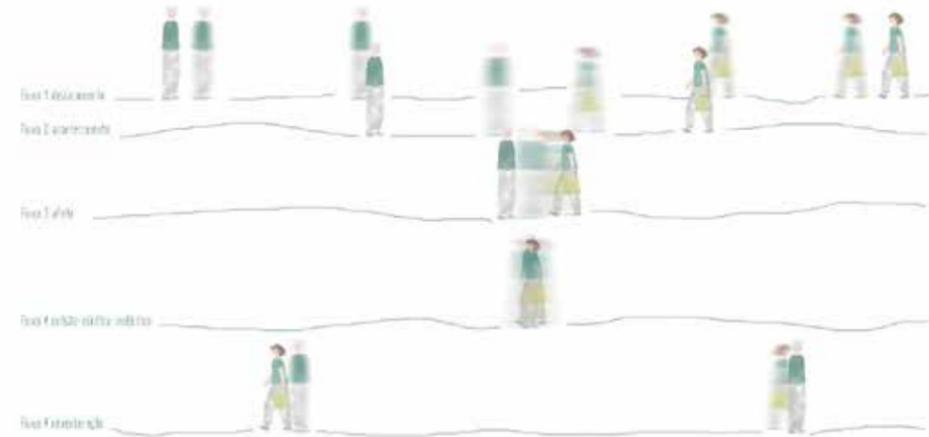


Figura 3 - Caminhar e cartografar são processos indissociáveis direito do caderno de bordo. Fonte: Elaborada pela autora. 2023. Figura 4 - O caminhar como potente dispositivo cognitivo-criativo de colisões entre corpos mobilizadores de afetos na/da cidade. Fonte: Elaborada pela autora. 2023.